



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

AMANDA TEIXEIRA DE LIMA ARAÚJO

**HUMANIDADES DIGITAIS SOB A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO.**

**RECIFE
2018**

AMANDA TEIXEIRA DE LIMA ARAÚJO

**HUMANIDADES DIGITAIS SOB A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO.**

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Profa. Dra. Májory Fernandes de Oliveira Miranda

**RECIFE
2018**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

A663h Araújo, Amanda Teixeira de Lima
Humanidades digitais sob a perspectiva da Ciência da Informação /
Amanda Teixeira de Lima Araújo. – Recife, 2017.
54 f.: il.

Orientadora: Májory Fernandes de Oliveira Miranda.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação,
2018.

Inclui referências.

1. Ciberespaço. 2. Ciência da Informação. 3. Humanidades digitais. 4.
Pós-custódia. I. Miranda, Májory Fernandes de Oliveira (Orientadora). II.
Título.

020 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-128)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título do TCC

**HUMANIDADES DIGITAIS SOB A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

AMANDA TEIXEIRA DE LIMA ARAÚJO

(Autor)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado 26 de abril de 2018

Banca Examinadora:

Orientador – Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Examinador 1 – Aureliana Lopes de Lacerda Tavares
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Examinador 2 – Paula Wivianne Quirino dos Santos
Mestranda – PPGCI/ Universidade Federal Pernambuco

DCI
DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Departamento de Ciência da Informação - Centro de Artes e Comunicação - CEP 50670-901
Cidade Universitária - Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-8780/ 8781 - dci@ufpe.br



*Aos meus pais que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram
nos meus objetivos.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe **Gracinete** (in memoriam), por toda sua bondade e doçura. Meu exemplo, meu grande amor, continuo e continuarei à sempre escolher os caminhos que lhe causem orgulho.

Ao meu honrado pai **José**, que sempre mostrou à mim e aos meus irmãos o quão importante é o caráter, o trabalho e a responsabilidade para sermos bons indivíduos.

Aos meus irmãos mais velhos **Kleber e Wagner**, por todo o cuidado e carinho.

À minha orientadora, Profa. **Májory**, pelo acompanhamento, orientação e ajuda.

Aos professores **Hélio, Galindo e demais professores**, pelas informações e sugestões nos momentos de dúvidas.

Aos meus amigos de turma **Jaqueline, Noberto, Alice, Sheila, Letícia e Gleyce**, pelos longos semestres de trabalhos acadêmicos da nossa graduação.

Aos meus grandes amigos **Lilliane, Hugo e Tatiana**, pelo apoio nos momentos difíceis da minha vida pessoal e acadêmica.

Obrigada!

*Alguns perdem toda a mente e se tornam **alma**: insanos.*

*Alguns perdem toda alma e se tornam **mente**: intelectual.*

Alguns perdem ambos e se tornam aceitos.

Charles Bukowski

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar como os estudiosos da Ciência da Informação estão debatendo o assunto das Humanidades Digitais dentro da área, e quais são as questões e discussões a respeito desse assunto na perspectiva brasileira. Previamente, foi explorado o conceito das Humanidades Digitais, suas definições, origem e desafios. Também se fez necessário abordar o ciberespaço e o contexto digital atual, assim como o campo da memória e o Paradigma da Ciência da Informação da Pós-Custódia, para melhor compreensão sobre o assunto. Por meio de uma revisão bibliográfica conclui-se que a produção acadêmica sobre as Humanidades Digitais no Brasil parece se dar em grande parte ao debate sobre a Multi-Inter-Transdisciplinaridade e na aplicação de algumas práticas representados por produtos, tais como os projetos.

Palavras-Chave: Ciberespaço. Ciência da Informação. Humanidades Digitais. Pós-custódia.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate how Information Science scholars are debating the subject of Digital Humanities within the field, and which are their conclusions about this complex subject on the Brazilian perspective. Previously, the concept of the Digital Humanities, its definitions, origin and challenges were explored. It was also necessary to approach cyberspace and the digital landscape, as well as the memory field and Post-Custodial Paradigm, for a better understanding of the subject. Through a bibliographical review, it's concluded that, the academic production about the Digital Humanities in Brazil seems to be largely due to the debate on Multi-Inter-Transdisciplinarity and in the application of some practices through projects.

Keywords: Cyberspace. Digital Humanities. Information Science. Post-Custodial Era.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEMÓRIA E PÓS CUSTÓDIA NA CI: uma relação contemporânea	14
2.1 PARADIGMA PÓS-CUSTODIAL	18
3 HUMANIDADES DIGITAIS (HD)	25
3.1 HD SOB A PERSPECTIVA DA CI	28
3.2 MIT: Multi – Inter – Transdisciplinaridade.....	30
4 MÉTODO	35
5 RESULTADOS	37
5.1 Pesquisa na base BRAPCI.....	37
5.2 Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes	40
5.3 Casos de Humanidades Digitais: Projetos – Práticas	44
CONSIDERAÇÕES	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O termo Humanidades Digitais (HD) além de polissêmico é ainda muito debatido e reformulado pelos seus estudiosos. Há uma grande reflexão se as HD seriam uma atividade ou uma disciplina multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Ou até mesmo se seria de fato um campo do saber. O conceito polissêmico é um dos maiores desafios para as Humanidades Digitais, e por isto é elencado para ser apresentado e discutido na pesquisa e revisão de literatura.

Considerando a flagrante expansão que o conceito de HD se encontra, Svensson (2010) aponta que há recortes necessários a serem feitos no que diz respeito a sua abrangência. Há ainda delimitações sobre a própria estrutura e natureza que precisam ser traçadas. Inúmeros debates já estão ocorrendo nos mais variados níveis acadêmicos, do estudante de pós-graduação e instituições locais à agências nacionais de financiamento e redes institucionais internacionais. Os debates e iniciativas de delimitação, conceituação e estruturação são cruciais para qualquer tentativa de análise, defesa e entendimento das HD. (SVENSSON, 2010, tradução nossa).

Alvarado (2012) observa que no lugar de uma definição há uma geneologia, semelhanças entre “escolas de pensamentos” provisórias, assim como, interesses metodológicos e ferramentas elegidas como favoritas. Pessoas que se auto denominam Humanistas Digitais no instante que tentam definir, já o fazem. De que outra forma caracterizar o significado de uma expressão “que tem quase tantas definições quanto afiliados? É uma categoria social, não uma categoria ontológica. Como categoria social, o termo, humanidades digitais, tem um conjunto relativamente claro de referências organizacionais” (ALVARADO, 2012, p.1).

No ano de 2010, vários estudiosos das humanidades digitais se reuniram em Paris para realizar uma conferência denominada THATCamp. Durante os dois dias de discussão e reflexão sobre o que são as humanidades digitais, esses estudiosos propuseram um Manifesto das Humanidades Digitais.

Na perspectiva do Manifesto, a sociedade ao optar pelo digital modifica e indaga as condições de produção e divulgação do conhecimento. Naquela perspectiva entendeu-se que as humanidades digitais constituem uma

transdisciplina que dispõe dos métodos, dispositivos e caráter heurístico relativos ao digital no campo das Ciências Humanas e Sociais. Também declara que as humanidades digitais “não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, do saber fazer e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital” (THATCAMP, 2010). Ainda conforme o manifesto, inúmeras comunidades distintas estão agrupando-se para formar o campo das humanidades digitais. Elas são provenientes de interesses por variadas práticas, instrumentos ou objetos, sendo alguns deles a codificação de fontes textuais; sistemas de informação geográfica; lexicometria; digitalização do patrimônio cultural, científico e técnico; cartografia da web; mineração de dados; 3D; arquivos orais; artes e literaturas digitais e hipermidiáticas; etc. (THATCAMP, 2010).

Diante das iniciativas de pesquisa, questiona-se se a Ciência da Informação atua, e qual sua colaboração na cultura das Humanidades Digitais no cenário brasileiro?

Destarte, as práticas em humanidades digitais estão constantemente ligadas à acervos digitais de documentos históricos, obras de arte e da literatura, e outros, assim como a arquivos, bibliotecas, museus e demais unidades de informação. Sendo assim, é natural que o cientista da informação se interesse pelo referente assunto e deseje se aprofundar e contribuir sobre esta área de pesquisa. Também é notável que várias das práticas de humanidades digitais estão ligadas a atividades digitais usadas na Ciência da Informação. Em suma, o ponto motivador desta pesquisa foi o de conhecer com maior profundidade sobre a temática das Humanidades Digitais, do que se trata, de fato, quais são suas atividades, suas origens, seu atual desenvolvimento e qual a postura dos estudiosos da nossa área frente a modernização das práticas informacionais em Humanidades nas unidades de informação. Além disso, a escassez de literatura em língua portuguesa e a necessidade de identificar quem está pesquisando sobre o assunto, uma vez que ele ainda está em consolidação, motivaram o interesse pela pesquisa do tema.

Buscando estruturar a relação da CI com as HD, o presente trabalho tem como objetivo geral apresentar o panorama das humanidades digitais ao lado da Ciência da Informação no cenário brasileiro. Seus objetivos específicos são:

discutir as humanidades digitais sob a perspectiva da área de Ciência da Informação; relacionar o campo da memória ao paradigma da pós custódia, buscando levantar elementos iniciais para o entendimento das HD no contexto da CI; discutir o ciberespaço e o contexto digital atual; e conceituar as humanidades digitais no Brasil. Para isso, se fez necessário abordar previamente os assuntos sobre o ciberespaço, e o contexto digital atual, assim como o campo da memória e o paradigma pós custodial para a sua melhor compreensão.

Para alcançar a finalidade desse estudo, do ponto de vista dos objetivos, foi feita uma pesquisa exploratória, visando proporcionar maior familiaridade com o assunto, envolvendo levantamento bibliográfico. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos foi realizada uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constituída principalmente de artigos de periódicos atualmente disponibilizados na Internet. No que se refere a coleta de dados, foi utilizada a ferramenta bibliométrica e cientométrica. Sendo assim, foi efetuado um levantamento bibliográfico na base de dados BRAPCI do ano de 1972 à 2017 buscando pelas palavras-chave “Humanidades Digitais”. Adicionalmente foi realizada uma pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes – CNPq a fim de levantar a quantidade de grupos de pesquisa estudando o tema.

2 MEMÓRIA E PÓS CUSTÓDIA NA CI: uma relação contemporânea

Entende-se por memória o conjunto de eventos, fatos, personagens que, são capazes de estabelecer uma relação da atualidade com o seu passado, remoto ou imediato. A ideia de memória percorre por um universo simbólico “dos mais significativos, mediante um processo de representação no qual são criados referentes para sua cristalização nas consciências, quer individuais quer coletivas, aproximando-a, em muito, da noção de identidade”. (AZEVEDO NETTO, 2008, p.12). Só se é possível lembrar uma pequena parcela daquilo que eventualmente necessitamos recordar, conforme Gouveia Jr e Galindo (2012).

A memória é geralmente associada a um complexo de funções psíquicas e é percebida como atributo de conservar certas informações, que por meio dessas funções é possível atualizar “impressões ou informações passadas, que, por sua vez, têm o poder de contribuir para o fortalecimento de uma comunidade e até para a autoafirmação dos sujeitos em torno da ideia de pertencimento a determinados grupos sociais”. (GOUVEIA JR; GALINDO, 2012, p. 212).

A memória, segundo Barreto (2000), é formada pela tensão existente entre lembrança e esquecimento. De certo não é possível treinar o esquecimento como se treina para aumentar ou aprimorar a memória. “O esquecimento é uma qualidade da memória, que a preserva e a mantém saudável. Nossa memória funciona, e só funciona porque nos é dada a capacidade do esquecimento” (BARRETO, 2000, p. 4).

Como exposto, o tema memória é diverso, e antes de abordar especificamente este conceito dentro da Ciência da Informação foi indispensável revisitar o conceito de Le Goff sobre o que é, e do que se trata o Documento e sua relação com a memória.

A memória coletiva e a história não são um simples aglomerado daquilo que anteriormente existiu, mas sim construídas através da sua herança do passado - denominadas por Le Goff (1994) de monumentos - e dos materiais escolhidos ao longo dos tempos por seus estudiosos, denominados de documentos. O monumento, por definição, é tudo aquilo que tem o poder de evocar o passado, perpetuar a recordação e podem possuir os sentidos de obra comemorativa de arquitetura - ou de escultura - e também o de monumento funerário, que valoriza a morte em memória dos que se foram. “O monumento

tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação [...] das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 1994, p.1)

No que se refere ao termo documento, ainda segundo o autor, este deriva do significado de ensinar e posteriormente evolui para o sentido de prova e só ganha o seu sentido moderno de testemunho histórico após o início do século XIX. Para a escola histórica positivista o documento será o alicerce do fato histórico, ainda que seja consequência do julgamento, decisão do historiador, “parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito” (LE GOFF, 1994, p.2).

Diante dessa dicotomia, com a escola positivista, o termo documento coloca-se em primeiro plano e o seu triunfo relaciona-se com o texto. Desde então, todos aqueles que se dedicam à ciência do passado e do tempo não se deixarão esquecer o quanto é importante o recurso do documento.

Posteriormente, com o fenômeno chamado de revolução documental – abordado neste trabalho mais adiante - segundo Le Goff (1994), nasce a história quantitativa, que reacende o debate sobre o documento e o seu tratamento:

O método seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los, nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da *cultura material*, os objetos *coleção* (cf. *pesos e medidas, moeda*), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis, (cf. *fóssil*) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. *animal, homo*). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (cf. *verdadeiro/falso*), trata-se de pôr à luz as condições de produção (cf. *modo de produção, produção/distribuição*) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (cf. *poder/autoridade*). (LE GOFF, 1994, p.13)

O documento é então monumento e é resultado da tentativa das sociedades de outros tempos imprimirem uma determinada imagem de si mesmas nos dias futuros. Esse novo documento vai além dos textos tradicionais, tomado pela memória coletiva e convertido em documento pela história tradicional - ou no âmbito tecnológico transformado em dado - deve ser tratado como um documento/monumento e solicita condições de ser transferido do campo da memória para o da ciência histórica. (LE GOFF, 1994)

Dependendo do campo em que esteja sendo aplicado, o termo memória pode atender a vários significados. Em CI, memória aproxima-se mais ao sentido de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana. Contudo, “não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, mas buscar entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação” (GALINDO; MIRANDA; ROCHA, 2011).

O termo foi associado, especialmente na CI, “ao conjunto das informações registradas, isto é, aos documentos e representações que podem ser consultados, servindo de memória social¹ ou memória de longo prazo”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006, p. 115) e é considerada como ato de armazenamento e preservação da informação tanto para a sociedade de hoje quanto para a futura. (GOUVEIA JR; GALINDO, 2012). Em vista disso, ainda conforme os autores, enquanto a memória histórica “alude ao passado, ao que foi feito ou dito, a memória, para o presente campo de estudos, é projetada para o futuro, ou seja, para o que está sendo feito ou precisa ser feito, objetivando a preservação e a disseminação de Informação”. (p. 213).

Armazenamos na memória as informações mais importantes e esquecemos as demais. “Contudo, as instituições de memória, de estoques, podem operacionalizar o esquecimento e através de mecanismos de administração tentar diminuir os estoques excedentes, reformatar ou fragmentar a estrutura da memória. (BARRETO, 2000. p. 4).

Na atualidade a memória ganha um novo contexto no espaço virtual², e este traz vantagens e desafios a serem enfrentados no que se diz respeito aos processos e armazenamento de memória, e outros problemas diversos,

¹ A memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte à construção de uma memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa. [...] O conceito de memória social é, além de polissêmico, transversal ou transdisciplinar. (GODAR, 2016, p. 20)

² Mundo virtual é um suporte dos processos cognitivos, sociais e afetivos” que transformam a rede em espaço social habitado por indivíduos que reconstróem suas identidades e laços sociais nesse novo contexto de comunicação (SILVA, 2001, p.151)

ambientados no ciberespaço³. Dentre as várias dimensões que o pensamento humano desenvolve para compreender a vida e a sociedade, “o ciberespaço é, sem dúvida, a dimensão contemporânea. De natureza comunicacional, o ciberespaço é um constructo da mente humana que articula diversos vetores como informação, tecnologia e memória” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 5). Ainda Conforme as autoras:

“O Ciberespaço possui condição de articular meios de memória social. Ao lado das dimensões de tempo e espaço, estudadas pela física e pela geografia, o ciberespaço é concebido como a união desses dois conceitos, agora denominados por espaço-tempo. Esse espaço-tempo, supostamente (a)espacial e (a)temporal é construído em ambiente virtual” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 5)

Nesse ciberespaço a memória social é apresentada como uma massa processual em permanente construção, em que são inseridos e descartados [...] objetos digitais, representados já como unidades de conhecimento (DODEBEI; GOUVEIA, 2008). Apesar dos inegáveis benefícios dos aparatos tecnológicos, a memória no contexto digital encontra adversidades a serem vencidas. Uma delas é a questão da obsolescência. “Ainda que um computador não esqueça, ele deixa de ler formatos ultrapassados. Uma mesma pesquisa na internet, que é viva e em perpétua mutação, não apresenta sempre os mesmos resultados”. (DODEBEI; DOYLE, 2015, p. 80)

Segundo Monteiro, Carelli e Pickler (2006), a memória sob o olhar da CI possui categoria de preservação, entretanto, em função da desterritorialização do signo e do saber em fluxo, a preservação no ciberespaço parece não estar fortemente ligada à inteligibilidade da memória. Embora a memória virtual seja um novo tipo de memória em constituição, ela “estaria mais ligada ao pensamento (memória biológica), à produção sígnica de múltiplas semióticas e aos esquecimentos do que às possibilidades físicas de conservação da produção humana, como nos registros impressos” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006 p.115). Sendo assim, a memória virtual se difere por não ser mais preservada na materialidade dos livros, e o saber em estoque, mas a

³ Ciberespaço é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. É o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999).

dinâmica do signo em favor do saber em fluxo, ainda conforme as autoras, seria uma memória gerada nela mesma, em tempo real e em contínua transformação:

Se a preservação como permanência do signo, fortemente ligada à memória escrita (de longo alcance), foi a principal categoria de apropriação ou mesmo de compreensão da memória em algumas áreas, percebe-se que há a necessidade, neste momento de emergência das mídias digitais, de buscar outras categorias que expliquem sua natureza, a fim de poder repensar as velhas práticas e, quem sabe, postular novas possibilidades paradigmáticas e pragmáticas para a memória. Algumas discussões despontam acerca da preservação dessa nova memória. No entanto, dada a característica virtual e desterritorializante do ciberespaço, fica difícil vislumbrar possibilidades de uma preservação “integral” da mesma, ou sua “conservação” no tempo. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006 p.122

2.1 PARADIGMA PÓS-CUSTODIAL

Até finais do século passado, para proteger e zelar os documentos pela importância e valor para a sociedade, no campo da Ciência da Informação disciplinas tradicionais como a Biblioteconomia, Arquivologia, e Documentação priorizavam a preservação e guarda da memória em detrimento do acesso, e tinham uma formação tradicionalmente marcada pelo Paradigma patrimonialista da custódia e armazenamento dos documentos. (MIRANDA, 2009). As práticas protetoras do paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista, em detrimento da guarda compartilhada e de fácil acesso, são consideradas danosas, verdadeiras “tragédias da memória” (GALINDO, 2005). A formação dos profissionais, no Paradigma Custodial, se desenvolvia em torno da noção “palpável” de documento, entretanto, as tecnologias de reprodução e de transferência de suporte enfatizaram a importante autonomia dos conteúdos, da mensagem, da informação. (SILVA, 2016).

Sob esse Paradigma Custodial, bibliotecas e arquivos costumavam ser considerados locais de conservação da memória e tinham como finalidade principal servir aos interesses culturais e de investigação. Nos dias de hoje, o documento tradicional - suportes materiais de informação, majoritariamente em papel – teve o seu lugar ocupado por uma realidade virtual que permite a sua reprodução sem fronteiras e se localizar em múltiplos espaços ao mesmo tempo,

exigindo assim uma nova postura diante desse novo quadro. (RIBEIRO, 2005). Segundo Copobianco (2010), a era digital, também chamada de era da informação⁴, tiveram suporte nas tecnologias, que possibilitam a comunicação entre pessoas, produção, armazenamento, e repasse de informações em um espaço coletivo. A web (*World Wide Web*) é parte de um dos mais importantes recursos da internet. Sua rápida expansão e abrangência “é o que leva os pesquisadores a refletirem sobre seus impactos na sociedade, economia, política e cultura. (CAPOBIANCO, 2010, p.176).

Historicamente, a situação após a Segunda Guerra estimulou inegavelmente nos países desenvolvidos, um grande interesse pelas práticas de ciência e tecnologia, acarretando um grande aumento de conhecimentos. Esse fenômeno, chamado de “explosão de informação”, evidenciou-se por um crescimento gigantesco de registros de conhecimento, particularmente na ciência e tecnologia (OLIVEIRA, 2005). Mais tarde, a combinação da digitalização e da internet afetou o cotidiano dos indivíduos, bem como a estrutura de produção de bens e serviços nos grandes conglomerados humanos, provocando uma espécie de avalanche informativa (CASTILHO, 2015).

A avalanche informativa é a imensa quantidade de informação disponível na web, hoje praticamente impossível de ser mensurada. O fluxo de informação gerado é cada vez maior e traz desafios a serem superados. Segundo Blanco (2014), toda esta produção e disseminação da informação ao mesmo tempo que é positiva, pela democratização da informação, pode ter também suas desvantagens, devido à crescente dificuldade de acesso a essa informação de maneira rápida e confiável. Sobre a representação da avalanche em números, “as estatísticas sobre produção de dados e informações não param de crescer e já assumiram números tão fantásticos que eles perderam significado real pela dificuldade de representá-los em figuras ou exemplos palpáveis” (CASTILHO, 2015, p.33), A avalanche informativa, ainda conforme o autor, transformou-se em um fato inegável, a ponto da preocupação em quantificá-la ter se reduzido substancialmente, dada a complexidade em se chegar a números exatos.

⁴ De modo geral, a era da Informação, compõe o momento histórico em que o alicerce de todas as relações se desenvolvem através da informação e da sua habilidade de processamento e de geração de conhecimentos (SIMÕES, 2009).

Simultaneamente, aumentaram os estudos sobre seus efeitos e principalmente sobre como gerenciá-la.

A avalanche informativa atual é o resultado da digitalização exponencial e o uso da internet. Nunca se produziu e disseminou tanta informação como nos dias de hoje, porém, se tornou um desafio, e necessidade emergente, a mediação para o norteamento no acesso e uso da informação nessa imensidão de dados. De fato, verifica-se uma avalanche de informação e disseminação de diversas narrativas, originadas a partir de inúmeras fontes, e apresentadas em formatos muito variados. Entretanto, não há a garantia de transformação desses dados em informação e nem desta em conhecimento por parte dos indivíduos, até por causa da sua quantidade e diversidade (CORREA; BERTOCCHI, 2012).

Nesse novo contexto digital um novo Paradigma surge, denominado “Paradigma Emergente da Informação” ou “Pós-Custodial”. Se sob o comportamento patrimonialistas de guardiões de memória os profissionais da informação serviam a investigadores ou cientistas, na era da pós custodia tornam-se estruturadores e gestores de informação, produtores de fluxos informacionais, isto é, “a preocupação com a preservação da memória permanece, mas agora por meio de uma gestão de qualidade e não mais pela privação do acesso aos documentos. (LEMONS; JORENTE; NAKANO, 2014, p.677). Enquanto o paradigma custodial se volta para a valorização do documento de arquivo de valor permanente, o paradigma Pós-Custodial entende que o objeto científico não pode ser mais o documento de arquivo, mas sim a informação. (SOARES; PINTO; SILVA, 2015)

Segundo Silva (2006), apesar do paradigma emergente - orientado pela busca contínua dos conteúdos (informação) e em atender a necessidade de acesso rápido e eficiente documentação - encontrar sua origem nas ideias de Otlet e La Fontaine configurou-se como novo paradigma apenas no sec. XXI. (apud SOARES; PINTO; SILVA, 2015, p. 25). Conforme Santos, Galindo e Soares (2015), é importante refletir que o maior valor da guarda deve estar no acesso, contextualizadas nessa nova realidade e uso das novas tecnologias:

A reflexão sobre a natureza custodial como uma prática “danosa” à memória é uma realidade contemporânea cujos debates tomam cursos interdisciplinares, balizados na premissa de que: poder de guarda deve ser substituído pela necessidade de difusão e acesso da informação. Essas reflexões sugerem mudança de paradigma vislumbra o fluxo da memória de um contexto de privilégio, exclusivismo, ao uso e aceso da

informação de forma democrática. A recuperação da informação através de estratégias técnicas e lógicas é no tempo presente matéria da Ciência da Informação, já que nessa perspectiva disciplinar o valor de um acervo arquivístico, além de sistêmico, é processual. É fluxo que se desloca com os processos de hominização e humanização frente ao desenvolvimento cognitivo, perpassando a subjetividade de cada indivíduo ou coletividade. É memória – informação como fenômeno social – que desde as incertezas da modernidade vem movendo-se da totalidade do conteúdo ao compartilhamento social, pois é nesse *lócus* onde se operam as trocas de significados e a produção de conhecimento. É também registro do conhecimento que se transforma em meio e forma a partir do processo de dessacralização, tanto pela perda do valor de chancela da verdade documentada, quanto pela desmaterialização do suporte de impressão e do espaço de guarda.(SANTOS; GALINDO; SOARES, 2015, p.12)

Neste novo quadro de transição paradigmática, a visão tradicional tem o seu declínio e dá lugar a uma nova perspectiva onde se assume o comportamento questionador e desenvolvedor de modelos teóricos cada vez mais exigentes e eficazes. (RIBEIRO, 2010). A associação entre a informação e a tecnologia digital modificou profundamente a perspectiva, alterando o objeto de estudo e de trabalho do documento para informação. Ainda conforme a autora:

Essa visão historicista e patrimonial foi, contudo, posta irreversivelmente em causa por efeito da revolução tecnológica iniciada ainda no século XIX (surgimento do telegrafo, do telefone, da fotografia, da rádio, do cinema...) e acelerada dramaticamente no pós guerra mundial por efeito das tecnologias da informação e comunicação, atingindo o seu auge com a introdução do "digital" e da internet nas duas últimas décadas. Ao paradigma tradicional começa a contrapor-se uma nova perspectiva, centrada na informação como objeto de trabalho e de estudo, o que legitimou o termo "era pós-custodial. (RIBEIRO, 2005, p.77)

Conforme Silva (2006), o modelo pós-custodial só se compreende como tecnológica e representativa, “ou seja, instalada, como sempre, no ponto de charneira entre a informação acumulada/disponível e o seu potencial utilizador/consumidor, intimamente relacionada [...] com a interação e a interatividade”. (apud SILVA, 2016, p. 98). Ainda segundo o autor, sobre as características do paradigma:

Quadro.1 Traços do Paradigma Pós-Custodial

Traços do Paradigma Pós-Custodial

<ul style="list-style-type: none"> • valorização da informação enquanto fenómeno humano e social, sendo a materialização num suporte um epifenômeno (ou derivado informacional);
<ul style="list-style-type: none"> • constatação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental, traduzindo-se aquele no trinómio criação-seleção natural-acesso/uso e o segundo na antinomia efémero-permanente;
<ul style="list-style-type: none"> • prioridade máxima concedida ao acesso à informação por todos mediante condições específicas e totalmente definidas e transparentes, pois só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação;
<ul style="list-style-type: none"> • imperativo de indagar, compreender e explicitar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “assépticos” ou neutrais de criação, classificação, ordenação e recuperação;
<ul style="list-style-type: none"> • alteração do atual quadro teórico-funcional da atividade disciplinar e profissional por uma postura diferente sintonizada com o universo dinâmico das Ciências Sociais e empenhada na compreensão do social e do cultural, com óbvias implicações nos modelos formativos dos futuros profissionais da informação; e
<ul style="list-style-type: none"> • substituição da lógica instrumental, patente nas expressões “gestão de documentos” e “gestão da informação”, pela lógica científico-compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e, assim sendo, as práticas informacionais decorrem e articulam-se com as concessões e práticas de gestores e atores com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o cientista compreender o sentido de tais práticas e apresentar dentro de certos modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas.

Fonte: Elaborado pela autora

Em um mundo cada vez mais virtual, as relações pessoais, de trabalho, comunicação, e de diversas naturezas, se dão cada vez menos no espaço físico.

A sociedade em rede⁵ e o ciberespaço são oriundos desse ambiente virtual e se desdobraram para a explosão informacional do pós guerra e a

⁵ Sociedade em rede caracteriza-se por uma sociabilidade residente em uma dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcende o tempo e o espaço (CASTELLS, 2002).

avalanche informativa de hoje. A existência de uma sociedade em rede e do ciberespaço foram observadas pelos pensadores Castells e Levy, respectivamente, e tem como objeto de estudo o espaço virtual e as redes interativas. Palavras como “universo, galáxia, oceano”, são frequentemente mencionadas ao se falar da imensidão do mundo cibernético. A internet é para o homem atual o que a eletricidade foi para o homem na era industrial, modificando a sociedade por completo.

A cibercultura⁶, nesse ciberespaço, modificou o comportamento humano, o modo como se relaciona, se comunica, consome e dissemina informação. A possibilidade de publicar e disseminar qualquer conteúdo, de qualquer lugar do mundo, é algo atualmente corriqueiro. As mídias online se diferenciam das mídias tradicionais por permitirem maior interação e participação de seus usuários e a filtragem de conteúdo de seu interesse. É possível recriar espaços sociais virtualmente, conforme suas afinidades, gerando um grande sentimento de comunidades digitais.

Atualmente a realidade é governada pela lógica digital que ultrapassa o espaço e o tempo e se desenvolve sob uma nova ordem do conhecimento, desafiando e exigindo mudanças nos modelos tradicionais do campo da Ciência da Informação a fim de se adequar ao novo contexto virtual. (LEMOS; JORENTE; NAKANO, 2014). Nesse atual Paradigma Emergente da Informação, conforme Miranda (2009), a CI tem como função científica e profissional o estudo do fenômeno da Informação e de todo o ciclo informacional - da gênese até o seu uso - objetivando viabilizar a melhor comunicação e acessibilidade possível, não sendo mais suficiente apenas organizar no intuito de disponibilizar, há que também “conhecer a instituição enquanto participante de um meio ambiente, com contexto, produtor de tipos de informação e cujo fluxo determina os tipos de utilizadores que usam e necessitam daquela informação produzida”. (MIRANDA, 2009, p.8). O objeto de estudo da CI é construído ligando conceitos complementares e articulados, mas distintos, da informação a comunicação “e convertendo o binómio informação-comunicação em processo - o encadeamento

⁶ Cibercultura resulta das palavras cibernética e cultura, especifica o conjunto de práticas, atitudes, técnicas - materiais e intelectuais - assim como o conjunto de modos de pensamento e de valores que evoluem simultaneamente com o acréscimo do ciberespaço (LEVY, 1999).

dinâmico e infinitamente repetido de etapas (desde a criação até ao uso e transformação humana e social do sentido/informação)". (SILVA, 2016, p. 88)

Com a explosão informacional, segundo Lemos, Jorente e Nakano (2014), houve uma modificação nos serviços de informação que passaram a priorizar a necessidade dos usuários, aplicando estudos de comportamento informacional a fim de personalizar o atendimento conforme os diversos perfis e grupos de usuários. O usuário passa a ser de grande importância para os serviços informacionais, que deixam de fornecer produtos padronizados (tradicional instrumentos de pesquisas como catálogos, inventários, índices, bibliografias e outros) e passam a fornecer seus serviços alinhados à preferência do "cliente" (RIBEIRO, 2010). Segundo Miranda (2010), o ciclo evolutivo de conceitos da CI tem sua origem no modelo custodial e técnico-científico e posteriormente atinge a fase Pós-Custodial, que compreende a fase científica da CI. "Essa fase representa a emergência do Arquivista como profissional da informação e do cientista da informação; a noção de arquivos como sistemas de informação e a normalização do acesso à informação". (MIRANDA, 2010, p.103).

A CI da atualidade, ainda conforme a autora, não se restringe a apenas preservar, organizar e armazenar informação e vai além ao se preocupar com a teoria e métodos próprios, sua origem, serviços, uso da informação, dentre outros. O campo tem desenvolvido novas estratégias para melhor organização, uso e acesso ao objeto e avança em suas investigações epistemológicas e transdisciplinares. O Paradigma Pós-custodial da CI oferece um trabalho de coordenação, que "reafirma sua função social, o dever com a ética e com a promoção de um fluxo de informações para o público. Fluxo que deve ser confiável, contínuo e faça parte do programa transdisciplinar de conceitos, teorias e leis relacionadas a CI" (MIRANDA, 2010, p.91). Por fim, o paradigma atual da CI afeta o desenvolvimento de teorias, instrumentos e técnicas para o acesso à informação. Modelos de estruturação da informação, desenvolvidos no antigo paradigma custodial e técnico, acabam por acarretar problema de uso por não corresponderem adequadamente às necessidades atuais da sociedade da informação. O paradigma atual exige que Preservação e Acesso evolua para Acesso e Partilha, estando a partilha intrínseca a preservação. (MIRANDA, 2010).

3 HUMANIDADES DIGITAIS

A história das Humanidades Digitais é dividida em duas ondas (primeira e segunda onda), ou como velha guarda e nova guarda para alguns autores, ou ainda como HD 1.0 e HD 2.0 para outros. O uso recorrente das palavras "ainda emergente" para se referir as Humanidades Digitais indicam que se trata de um campo em ascensão em busca de estabilidade. O seu problema de definição e desafios como campo pode resultar da confusão em tornar a história das Humanidades conhecidas como Computacionais, na história das Humanidades Digitais (SVENSSON, 2010, tradução nossa).

Originalmente as Humanidades Computacionais, do início dos anos 50 à 2004 (primeira onda - velha guarda - HD 1.0), conforme Vanhoutte (2013), não eram consideradas humanidades tradicionais, tão pouco objeto de estudo da computação, por isso, o que constitui e define as Humanidades Computacionais (HC) tornou-se também um assunto de pesquisa ao longo do tempo. Por HC entende-se a prática de usar a computação para, e, nas Humanidades. Relaciona-se com o encontro da Informática, da Ciência da Informação e das Ciências Humanas e teve sua história construída nos primeiros domínios da Análise Textual Lexical e na Tradução Automática. (VANHOUTTE, 2013, tradução nossa).

Por sua vez, o termo Humanidades Digitais “apresenta paradigmas disciplinares inteiramente novos, campos convergentes, metodologias híbridas e até mesmo novos modelos de publicação que muitas vezes não são derivados ou limitados à cultura impressa”. (PRESNER, 2010, p.6, tradução nossa). Segundo o autor, a primeira onda das Humanidades Digitais (HD 1.0) focava em projetos de digitalização em larga escala e no estabelecimento de infra-estrutura tecnológica, enquanto a segunda onda “- o que pode ser chamado de Humanidades Digitais 2.0 - é profundamente geradora, criando ambientes e ferramentas para produzir, curar e interagir com o conhecimento que é "nascido digital" e vive em vários contextos digitais” (PRESNER, 2010, p.6, tradução nossa).

Sendo assim, o termo HD, conforme Vanhoutte (2013), substituiu o das Humanidades Computacionais como denominação para este campo. Aparentemente há um entendimento comum do termo como referencial à

pesquisa acerca das humanidades na era digital, contrapondo à pesquisa de humanidades tradicionais. Entretanto, o uso constante de maneira indiscriminada do termo pode acarretar uma banalização do mesmo.

A qualificação popular “digital” apenas se relaciona com o elemento tecnológico (instrumental) da computação sem usar de jargões como “computador”, “computação”, “computacional”. “Isso no entanto não soluciona o problema de definição do campo, e até mesmo o obscurece. Embora as Humanidades Computacionais fosse um termo mais hermenêutico que as Humanidades Digitais, tinha um alcance mais claro” (VANHOUTTE, 2013, p.144, tradução nossa).

Conceitualmente:

“Humanidades digitais não é um campo unificado, mas uma série de práticas convergentes que exploram um universo no qual: a) a impressão não é mais o meio exclusivo ou normativo no qual o conhecimento é produzido e / ou disseminado; Em vez disso, a impressão encontra-se absorvida em novas configurações multimídia; e b) as ferramentas, técnicas e meios digitais alteraram a produção e disseminação do conhecimento nas ciências das artes, humanas e sociais”. (SCHNAPP; PRESNER, 2009, p.2, tradução nossa)

Ainda conforme o autor, por ter o seu ideal proveniente dos entrelaçamentos da contracultura⁷ e cibercultura, as humanidades digitais defendem a importância do “aberto”, das unidades de informação sem paredes, “da democratização da cultura e da erudição, assim como afirma o valor dos métodos estatisticamente fundamentados em larga escala [...] que colapsam as fronteiras entre as humanidades e as ciências sociais e naturais. (SCHNAPP; PRESNER, 2009, p.3, tradução nossa). Sem dúvidas as humanidades digitais encontram-se em um momento emocionante e desafiador. Como exposto por Svensson (2010), o panorama das HD é multifacetado, com variadas tradições e possibilidades colaborativas. O diálogo, agendas, competências e interesses de pesquisas podem ajudar a enfrentar os futuros desafios, e uma melhor compreensão desse panorama, suas tradições e modos de engajamento são

⁷ O termo contracultura foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas. [...] uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é a anticultura. (PEREIRA, 1992, p. 13)

primordiais para o desenvolvimento do campo. (SVENSSON, 2010, tradução nossa).

Dentre toda a especulação acerca do futuro das Humanidades Digitais, conforme Vanhoutte (2013), encontra-se também a indagação a respeito da possibilidade de sua independência conceitual e consequente separação enquanto campo de estudo das chamadas Humanidades Tradicionais. Ou, pelo contrário, há a possibilidade desses campos tornarem-se tão entrelaçados com questões de interpretação hermenêutica, de modo que nenhum pesquisador das Ciências Humanas seja capaz de permanecer alheio quanto aos seus resultados. (VANHOUTTE, 2013, tradução nossa). Segundo Svensson (2010), a última hipótese poderia levar a um senso mais fraco do campo das Humanidades Digitais.

Mesmo no contexto de um complexo multidisciplinar, o objeto de estudo provavelmente acabaria alinhado com os compromissos epistêmicos de uma disciplina estabelecida (ou várias disciplinas). É possível, como resultado, ainda conforme o autor, que a disciplina mudasse com o intuito de incorporar os referidos objetos, embora tal procedimento não seja, nem mesmo de longe, simples ou direto. Uma questão interessante é se o digital clama por outros modos de investigação, colaboração. É preciso estar atento à possibilidade de incompatibilidade – mesmo que apenas parcial – com compromissos epistêmicos da disciplina ou campo já estabelecido (SVENSSON, 2010, tradução nossa).

A ansiedade em se definir, segundo Alvarado (2012), indica uma nova fase para o campo. É certo que os humanistas digitais compartilham entre si um vínculo comum como humanistas, são dedicados a interpretar obras de literatura, arte, arquitetura e outros produtos do trabalho intelectual humano. É notório que os tipos de estudiosos das ciências humanas que foram atraídos para as humanidades digitais demonstrem certa preferência em relação aos restos textuais. Ainda há uma suposição implícita entre eles que o conhecimento é uma aplicação baseada em texto. “Consistente com essa visão, o humanista digital típico é um erudito literário, um historiador ou um bibliotecário - todos os campos tradicionais relacionados com a gestão e interpretação dos documentos escritos. Os demais [...] possuem outras origens.” (ALVARADO, 2012, p.51, tradução nossa).

Do ponto de vista de Klein e Gold (2016), a respeito do que se foi denominado de “Big Tent” HD, por vezes pode ser difícil determinar de forma precisa o que as Humanidades Digitais implicam. Em companhia dos arquivos digitais, análises quantitativas e projetos de construção de ferramentas que configuram o campo, agora as HD englobam uma extensa série de métodos e práticas: visualizações de grandes conjuntos de imagens, modelagem 3D de artefatos históricos, dissertações “nascidas digitais”, ativismo hashtag e sua análise, jogos de realidade alternativos, espaços de fabricantes móveis e muito mais (KLEIN; GOLD, 2016, tradução nossa).

Diante desse novo cenário, os humanistas digitais estão cientes de que na atualidade, conforme a maneira da alfabetização impressa é continuamente deslocada e retrabalhada, tem uma grande oportunidade em suas mãos, de usufruir de inúmeras possibilidades de interpretação, onde ideias e seus veículos podem ser mapeados e remapeados em uma variedade de formas e aplicações que outras gerações jamais tiveram a sorte de presenciar. (ALVARADO, 2012, tradução nossa).

3.1 HD SOB A PERSPECTIVA DA CI

Segundo Burghardt e Kattenbeck (2017), enquanto as Humanidades Digitais estão tentando definir e delimitar o campo, a Ciência da Informação já está discutindo a sua relação com as HD. Tanto a Ciência da Informação quanto as Humanidades Digitais dividem a preocupação “em fazer e apoiar um excelente trabalho em infra-estrutura de informação e pesquisas históricas, no entanto, fazem isso com diferentes culturas científicas”. (MULLER, 2017, p.12, tradução nossa). A CI parece se organizar com o seu foco nos componentes centrais da cadeia da informação, como a organização, recuperação e o gerenciamento. Enquanto as HD focam em componentes finais como a criação e uso de informações e documentos, indicando assim, um modelo viável para uma espécie de multidisciplinidade HD/CI integrada (ROBINSON; PRIEGO; BAWDEN, 2015, tradução nossa).

O mesmo foi observado por Muller (2017), e constata que ao se reforçar a relação de complementaridade entre as duas disciplinas trará benefícios para ambas. “A relação entre CI e HD no futuro será caracterizada pela divisão do trabalho no ciclo de vida da geração de conhecimento mais do que pelas interfaces para disseminar a informação” (MULLER, 2017, p.13, tradução nossa). Porém, não se espera ou se aconselha que as duas disciplinas se tornem uma só, ou que haveria uma forma consistente de integração parcial em todos os casos de sobreposições existentes entre elas, mas é necessário reconhecer que há temas de interesse em comum interligando fortemente as duas disciplinas (ROBINSON; PRIEGO; BAWDEN, 2015, tradução nossa).

Os exemplos de tópicos específicos de interesse compartilhado por ambas são a busca e recuperação; bibliotecas digitais e arquivos; metadados e descrição de recurso; ontologia, classificação e taxonomia; publicação e disseminação; acesso livre; linked data; gerenciamento de coleções e curadoria; portais e repositórios; bibliografia; interatividade e experiência do usuário; interfaces e navegação; herança cultural; visualização de informação; big data e mineração de dados; e bibliometria. Assim como também a digitalização, preservação, desenvolvimento de coleções e classificação (ROBINSON; PRIEGO; BAWDEN, 2015, tradução nossa). Tudo isso reforça os indícios de que as Humanidades Digitais e a Ciência da Informação são complementares no que diz respeito aos componentes da cadeia de informação.

No que se diz respeito as bibliotecas, em específico, uma das linhas de investigação mencionadas por Guerreiro, Calixto e Borbinha (2012), recai sobre a construção de bibliotecas digitais direcionadas a investigação, onde se inclui “a utilização e a reutilização da informação para a criação de novo conhecimento. Esta linha de investigação aborda igualmente a descrição e a estruturação do objeto digital, a conservação e a preservação da informação a longo prazo” (GUERREIRO; CALIXTO; BORBINHA, 2012. p.4). Dado o impacto das humanidades digitais nesses processos institucionalizados, é natural indagar como as HD podem estar conectadas a uma das instituições mais antigas no trabalho /estudo do conhecimento: a biblioteca. (SULA, 2013, tradução nossa). Vários autores indagam se a biblioteca é capaz de proporcionar um espaço adequado para as atividades de digitalização, computação e trabalho de preservação que são praticadas nos projetos de Humanidades Digitais. Outros

propõem que as bibliotecas “podem ser mais úteis para impulsionar novos projetos de HD (fornecendo infra-estrutura pré-existente) e para garantir a sustentabilidade a longo prazo dos projetos (trazendo habilidades em gerenciamento digital e preservação)” (SULA, 2013, trad. nossa).

Dentro da Ciência da Informação, ainda conforme a autora, as Humanidades Digitais tem sido debatida, e embora a sua presença sofra menos destaque nas conferências nacionais do MLA (Modern Language Association), recebeu atenção da CI, incluindo das principais organizações. “The American Library Association’s (ALA) Association of College and Research Libraries hospeda em seu site um espaço para discussão sobre humanidades digitais e lançou recentemente um novo blog que inclui eventos, recursos, estudos de caso e ferramentas” (SULA, 2013, tradução nossa). Por fim, apesar da complexidade e continua mudança do panorama das humanidades digitais, as bibliotecas são capazes de atender as necessidades dos estudiosos e praticantes das HD, em especial por disporem de habilidades e serviços já existentes no campo da Ciência da Informação. (SULA, 2013, tradução nossa).

Sob a perspectiva brasileira, a produção acadêmica sobre o assunto das Humanidades Digitais parece se dar em grande parte ao debate sobre a Multi-Inter-Transdisciplinaridade (MIT)⁸.

3.2 MIT: Multidisciplinaridade – Interdisciplinaridade – Transdisciplinaridade

Pimenta (2016), aborda as Humanidades Digitais como uma multi-transdisciplina em que a construção do conhecimento é mediada pela tecnologia. É um campo híbrido, auto-reflexivo, onde a aplicação das tecnologias digitais voltadas às humanidades deve ser objeto de investigação e estudo, sendo as

8 Sobre os aspectos conceituais da MIT, Pombo (2014) sugere que os três vocábulos devem ser apreciados de maneira progressiva, se originando a partir de uma espécie de coordenação, progredindo para uma combinação e culminando em uma fusão. Ou seja, os conceitos devem ser analisados através de uma estrutura que vai se desenvolvendo de maneira continuada. Que em seu nível primário seria a multidisciplinaridade o início, colocando em conjunto, coordenando algo que, quando perpassa essa fronteira, avança em direção da fase intermedia da interdisciplinaridade e atinge o sentido de combinação /complementaridade. Finalmente, algo que, quando se “aproximasse de um ponto de fusão, de unificação, quando fizesse desaparecer a convergência, nos permitiria passar a uma perspectiva totalizante e, nessa altura, nos permitiria falar enfim de transdisciplinaridade” (POMBO, p.13, 2008).

humanidades digitais fruto da massificação e circulação das extensões comunicacionais e informacionais criadas pela tecnologia humana. A reflexão sobre as Humanidades Digitais, conforme o autor, necessita se debruçar mais profundamente sobre o terreno filosófico, cultural e epistemológico.

O uso de recursos tecnológicos tanto nos métodos de pesquisa como na divulgação e acessibilidade dos resultados, via mediação digital, fazem das TICs e seus fenômenos potenciais objetos de pesquisa da Ciência da Informação, cabendo a CI sinalizar a importância em estudar as humanidades digitais, pois futuramente dela será cobrada maiores estudos e reflexões sobre o tema. (PIMENTA, 2016)

Uma vez que a informação e seus desdobramentos tornam-se componentes importantes para compreender o que vem a ser Humanidades Digitais, configura-se um campo “não apenas de estudo e de pesquisa, mas de ensino e, principalmente de acesso à informação e inovação” (PIMENTA, 2016, p. 22). Esse novo contexto afetará o conhecimento no geral, principalmente com um maior impacto no campo das humanidades digitais, onde os sistemas, plataformas e objetos mediadores de informação digital convidam a refletir sobre o papel das “tecnologias de informação e comunicação (TICs) no próprio contexto da produção do conhecimento em campos então historicamente não familiarizados com tais mediações” (PIMENTA, 2016, p. 24). As Unidades de Informação, além dos laboratórios e grupos de pesquisas na área de humanidades, precisavam inovar frente ao crescente volume de variedade de dados e informação oriundos de mídias, bases e plataformas.

Ainda conforme o autor, o desenvolvimento de um software de reconhecimento de caracteres e a criação de ferramentas descritoras e de metadados, pela biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin em São Paulo, são exemplos de atividades em Humanidades digitais no cenário Brasileiro. “[...] Aplicativos mobile, visualizações de massas de dados, indexação, reconhecimento imagético, de gráficos e grafias além de geo-referenciamento são alguns dos desdobramentos capazes de serem usados em um projeto de Humanidades Digitais” (PIMENTA, 2016, p. 25). “Infográficos, visualizações de dados, convergência digital, comunicação e tráfico multimodal de informações, interfaces e a ética do design informacional em prol do acesso público”, todos

esses aspectos são visivelmente presentes no campo de produção das Humanidades Digitais (PIMENTA, 2016, p. 29).

Já Almeida (2014), aborda o campo das Humanidades Digitais como um novo território interdisciplinar de mediação da informação, com a introdução das tecnologias digitais no universo da cultura e das unidades de informação. Observou-se notórias afinidades entre o campo emergente das humanidades digitais em relação a ciência da informação, sendo necessário estudos exploratórios que visem mapear pontes, intercruzamentos e apontar vários territórios e enfoques possíveis. Desde tecnologias aplicadas às disciplinas humanas, novas áreas de pesquisa e ensino, estudos da internet e as apropriações socioculturais das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), transcendendo assim a utilização de ferramentas informáticas aplicadas à humanidades, mas configurando também questões teóricas e filosóficas próprias (ALMEIDA, 2014).

O aparecimento desse campo de conhecimento, ainda segundo o autor, é um sintoma e consequência das mudanças sociais e tecnológicas que levaram a modernização das unidades de informação e cultura. As TICs tendem a transformar as novas unidades de informação em espaços híbridos. “Também contribui para esse processo a centralidade que a cultura passa a ocupar na sociedade contemporânea, expressa em novas formas de políticas públicas, relações de mercado e reflexões acadêmicas” (ALMEIDA, 2014, p. 203). O termo Humanidades Digitais pode ser compreendido como a aproximação entre os campos da ciências humanas e sociais, as tecnologias e as mediações, ainda segundo o autor. Também aponta o papel social que pode ser desenvolvido pelas universidades e pelos pesquisadores no processo de circulação e apropriação do conhecimento.

Surge como um campo interdisciplinar disposto a dar guarida às reflexões e às práticas suscitadas pelas mudanças decorrentes da introdução das tecnologias digitais no universo da cultura e das Unidades de Informação e Cultura (ALMEIDA, 2014, p. 204).

As Humanidades Digitais se configuram não só como objeto de pesquisas, [...] como também um âmbito de ensino na graduação e na pós-graduação, e de intervenção da Universidade e de seus pesquisadores nos processos sociais (ALMEIDA, 2014, p. 205)

Enquanto Noiret (2015), aborda o tema das Humanidades Digitais do ponto de vista da história digital (história por meio digitais), de como a sociedade se relaciona nos dias de hoje com o passado e como as ferramentas tecnológicas estimulam uma memória coletiva e participativa dos indivíduos, possibilitada pelo uso da tecnologia. Considerando a História Digital um campo específico dentro das Humanidades Digitais, reflete sobre o impacto transdisciplinar das práticas que constituem os fundamentos das Humanidades Digitais com as tradições epistemológicas e filológicas da História. Observa “um universalismo que supera as divisões entre ciências humanísticas, para forjar novas práticas transdisciplinares e instrumentos e linguagens usados em todas as disciplinas das humanidades” (NOIRET, 2015, p. 32).

O conhecimento das Humanidades Digitais, assim como da História Digital, ainda conforme o autor, é parte integrante necessária dos programas de História Pública Digital (história para amplas audiências), que por meio da web gerenciam fontes ou interpretam os objetos museológicos, em que seus objetos e conteúdos podem ser visualizados em formatos 3D, disponibilizando realidades ampliadas, narrações históricas interpretativas dos objetos e dos lugares físicos e diversas outras possibilidades de serviços virtuais. “O mundo multiforme do acesso livre ao conhecimento por meios digitais (*open access*), apoiado nas mídias sociais e nas aplicações para celulares, permitiu compartilhar globalmente – e reviver no presente – a história em público” (NOIRET, 2015, p. 45).

Com o surgimento da *web*, a história e a memória não se restringiram mais a comunidade científica. Por meio dela qualquer pessoa pode contribuir e participar do passado em rede. Esse trabalho colaborativo é possível graças a participação do público ao compartilhar seus conhecimentos e documentos, através das tecnologias que permitem conectá-los com estes projetos digitais (NOIRET, 2015).

Através da mediação digital, a presença do “passado” em rede nas sociedades globalizadas de hoje, responde a grande necessidade de reaproximar as memórias individuais, familiares, coletivas e comunitárias do passado local, regional e nacional, observa o autor. “A história digital (*digital history*), [...] contribuiu, assim, para abrir a um público maior, e também de forma

participativa, à “alta cultura” e, nos melhores casos, com a mediação de historiadores profissionais, os historiadores públicos” (NOIRET, 2015, p.34)

4 MÉTODO

Para alcançar a finalidade desse estudo, do ponto de vista dos objetivos, foi feita uma pesquisa exploratória, visando proporcionar maior familiaridade com o assunto, envolvendo levantamento bibliográfico. Segundo Sampiere, Collado e Lucio (1991), “os estudos exploratórios são feitos, normalmente, quando o objetivo da pesquisa é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes” (p. 59). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos foi realizada uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constituída principalmente de artigos de periódicos atualmente disponibilizados na Internet. Para Caldas (1986, p. 15) a pesquisa bibliográfica representa a “coleta e armazenagem de dados de entrada para a revisão, processando-se mediante levantamento das publicações existentes sobre o assunto ou problema em estudo, seleção, leitura e fichamento das informações relevantes”.

No que se refere a coleta, foi utilizada a ferramenta bibliométrica e cientométrica. Segundo Braga (1974), a Bibliometria examina, primeiramente, as relações entre recursos humanos-documentos, artigos periódicos, produção-consumo, e outras variáveis, que apresentam diversas regularidades de distribuição. “O número de artigos que originam n citações, o número de instituições produzindo anualmente n doutorados, o número de autores com n artigos, o número de revistas contendo n artigos constituem exemplos do mesmo tipo de distribuição” (BRAGA, 1974, p. 162). Já a Cienciometria “é o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. Envolve estudos quantitativos das atividades científicas, incluindo a publicação e, portanto, sobrepondo-se à Bibliometria” (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134).

Sendo assim, foi efetuado um levantamento bibliográfico na base de dados BRAPCI do ano de 1972 a 2017 buscando pelas palavras chaves “Humanidades Digitais”. Os textos compilados reúnem autores, cujo interesse repousa na temática sobre a relação entre humanidades digitais e CI.

Foram analisados 5 dos 7 artigos recuperados com a temática Humanidades Digitais. Para isso, foi selecionado os trabalhos através de análises prévias dos títulos, resumos, e palavras-chave que os compunham. Os

outros dois artigos não foram usados nesse estudo, um por se tratar de uma carta editorial e não um artigo, e o outro por ter sido escrito em língua espanhola. Adicionalmente foi realizada uma pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes – CNPq (lattes.cnpq.br/web/dgp) a fim de levantar a quantidade de grupos de pesquisa que estuda o tema. A busca se sucedeu pela palavra-chave “humanidades digitais” com os marcadores: “todas as palavras”; “nome do grupo”; “nome da linha de pesquisa”; “palavra-chave da linha de pesquisa” resultando em 16 grupos recuperados na busca com: nome do grupo; ano de formação; site (se disponível); descrição do grupo (se disponível).

5 RESULTADOS

5.1 Pesquisa na base BRAPCI

A Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) é oriunda do projeto de pesquisa “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, e tem como objetivo subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. A BRAPCI amplia o espaço documentário permitido ao pesquisador, facilita a visão de conjunto da produção na área, ao mesmo tempo, que revela especificidades do domínio científico, segundo o site portal do bibliotecário.

Atualmente disponibiliza referências e resumos de 21.563 textos publicados em 57 Revistas Científicas impressas e eletrônicas da área de CI. Sendo 18.971 trabalhos em revistas científicas e 2.592 trabalhos em eventos. A base ainda conta com referências de 2 livros e 1 tese. A BRAPCI contribui para estudos analíticos e descritivos sobre a produção editorial de uma área em desenvolvimento, ao subsidiar com uma ferramenta dinâmica os alunos, professores e pesquisadores da área, ainda conforme o site.

Para o levantamento apresentado neste trabalho, foi pesquisada a palavra-chave “humanidades digitais” na base de dados BRAPCI com os marcadores a seguir:

ANO: 1972-2017

PALAVRAS-CHAVES: HUMANIDADES DIGITAIS: 7 resultados

Quadro.2 Levantamento Bibliográfico na Base de Dados BRAPCI

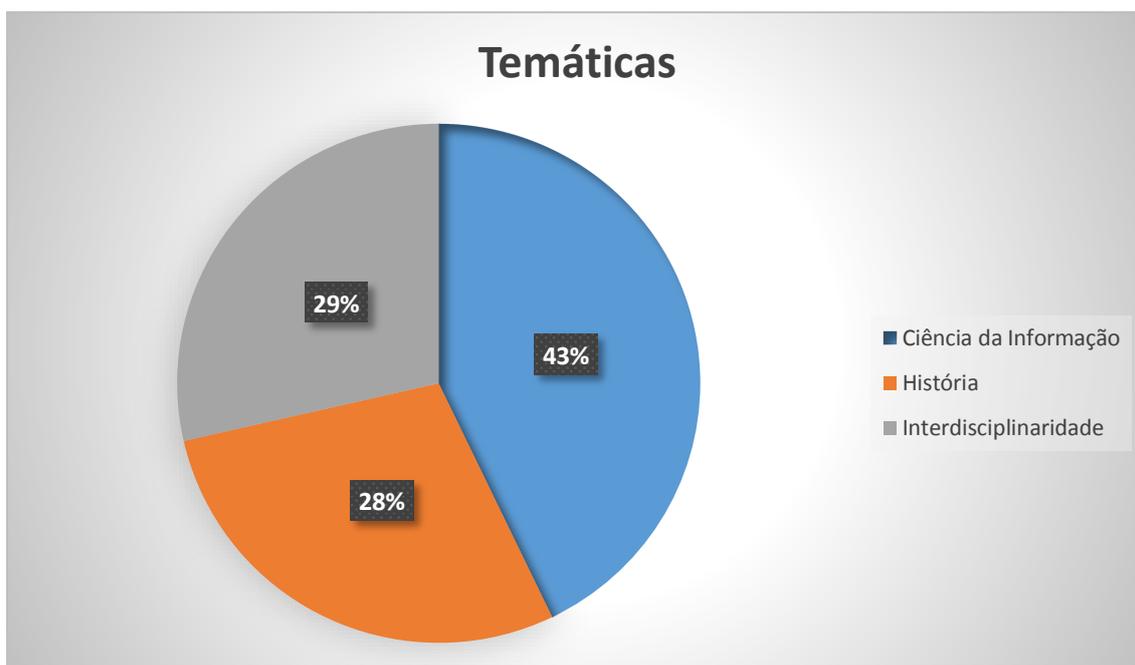
ANO	PALAVRAS-CHAVES: (humanidades digitais)	ARTIGOS ESCOLHIDOS PARA ESTUDO	TEMÁTICAS MAIS COMPARTILHADAS COM HD
1972-2017	7 resultados recuperados	05 artigos	- História (02 dos 05 artigos) - Ciência da Informação (03 dos 05 artigos)

			- Interdisciplinaridade (02 dos 05 artigos)
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

Dos temas em comum com as HD compartilhados entre os artigos estão em sua maioria a temática da História, Interdisciplinaridade e Ciência da Informação.

Gráfico.1 Temáticas mais compartilhadas com HD na Base de Dados BRAPCI



Quadro.3 Análise artigos MIT da revisão bibliográfica

ARTIGO	RESUMO	ASPECTOS MIT
ABREU, S. M. Desafios da mit num projecto em humanidades digitais: livros e arquitectura em portugal e na bahia, no cruzamento da história com a ciência da informação. Ponto de Acesso: Salvador, v.11, n.1, p. 41-60, 2017 SUPLEMENTO XVII ENANCIB	As HD funcionam como uma terceira área do conhecimento, servindo de conector no diálogo entre as duas outras disciplinas por possibilitarem a colheita de dados, gestão análise e visualização da informação.	Aborda as Humanidades Digitais sob a ótica da interdisciplinaridade, usando como exemplo prático o projeto "Vitruviana Luso-Brasiliensis: O livro antigo e a gravura de Arquitetura nas principais Unidades de Informação Portuguesas e Bahianas" formado pelo trio de disciplinas: História da Arquitetura, Ciência da Informação e Humanidades Digitais,

<p>ALMEIDA, M. A. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. Informação e Informação: Londrina, v.19, n.2, p. 191-241, 2014.</p>	<p>Observou-se notórias afinidades entre o campo emergente das humanidades digitais em relação a ciência da informação, sendo necessário estudos exploratórios que visem mapear pontes, intercruzamentos e apontar vários territórios e enfoques possíveis.</p>	<p>Aborda o campo das Humanidades Digitais como um novo território interdisciplinar de mediação da informação, com a introdução das tecnologias digitais no universo da cultura e das unidades de informação.</p>
<p>CONGLIAN, C. S.; SEGUNDO, J. E. S. Europeia no linked open data: conceitos de web semântica na dimensão aplicada das Humanidades Digitais. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação: lugar, v. 22, n. 48, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/22274>. Acesso em: 2 Nov 2017.</p>	<p>Apresenta uma convergência importante com a Ciência da Informação por se mostrar como exemplo prático de como as Unidades de Informação e os campos da CI e a Organização do Conhecimento, podem estudar e identificar a melhor maneira e modelos de inserção dos objetos digitais culturais no ciberespaço, apontam os autores.</p>	<p>XXXXXXXXXXXXXXXX</p>
<p>NOIRET, S. história publica digital. Liinc em Revista: Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, 2015</p>	<p>Considerando a História Digital um campo específico dentro das Humanidades Digitais, reflete sobre o impacto transdisciplinar das práticas que constituem os fundamentos das Humanidades Digitais com as tradições epistemológicas e filológicas da História.</p>	<p>Observa “um universalismo que supera as divisões entre ciências humanísticas, para forjar novas práticas transdisciplinares e instrumentos e linguagens usados em todas as disciplinas das humanidades” (NOIRET, 2015, p. 32).</p>
<p>PIMENTA, R. M. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das Humanidades Digitais: um caso para a ciência da informação. Revista Conhecimento em Ação: Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/23535>. Acesso em: 20 set 2017.</p>	<p>Considera as HD um campo híbrido, auto-reflexivo, onde a aplicação das tecnologias digitais voltadas às humanidades deve ser objeto de investigação e estudo, sendo as humanidades digitais fruto da massificação e circulação das extensões comunicacionais e informacionais criadas pela tecnologia humana.</p>	<p>Aborda as Humanidades Digitais como uma multi-transdisciplina em que a construção do conhecimento é mediada pela tecnologia.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

5.2 Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes

Segundo o site oficial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. Além disso, se tornou estratégica não só para as atividades de planejamento e gestão, mas também para a formulação das políticas do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros órgãos governamentais da área de ciência, tecnologia e inovação.

Já o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil é um inventário dos grupos em atividade no país, ainda conforme o site. Os recursos humanos constituintes dos grupos, as linhas de pesquisa e os setores de atividade envolvidos, as especialidades do conhecimento, a produção científica, tecnológica e artística e os padrões de interação com o setor produtivo são algumas das informações contidas no Diretório. Os grupos estão localizados em instituições de ensino superior, institutos de pesquisa, etc. As informações individuais dos participantes dos grupos são extraídas dos seus Currículos Lattes.

A fim de enriquecer este referido trabalho, além do levantamento bibliográfico adicionalmente também foi pesquisada a palavra-chave “humanidades digitais” no Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes - CNPq (lattes.cnpq.br/web/dgp) com os marcadores a seguir:

- TODAS AS PALAVRAS
- NOME DO GRUPO
- NOME DA LINHA DE PESQUISA
- PALAVRA-CHAVE DA LINHA DE PESQUISA

RESULTADOS: 16

Quadro.3 Levantamento no Diretório de grupos de pesquisas – Plataforma Lattes - CNPQ

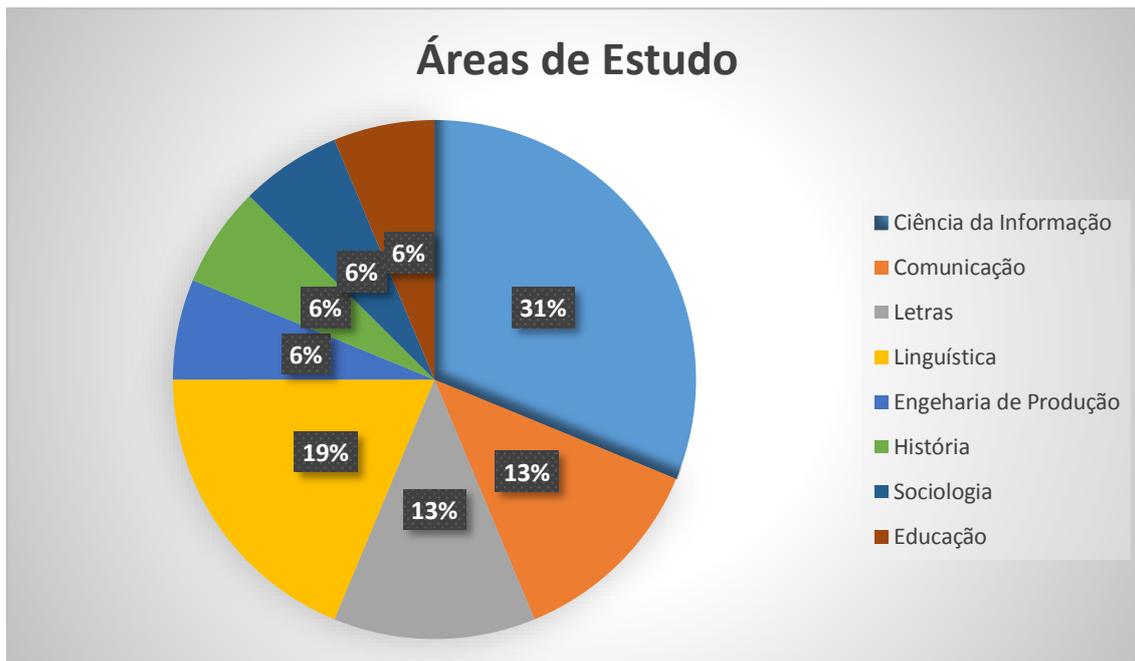
<p>NOME: CONJOR ANO: 2010 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Comunicação SITE: https://grupoconjor.wordpress.com DESCRIÇÃO: O grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo foi criado em janeiro de 2010 com o objetivo de estudar como os processos de convergência e tecnologização das redações tem alterado as rotinas, os formatos e a configuração do jornalismo. Para isso, atua em três linhas de pesquisa, a saber: Tendências em Radiojornalismo; Convergência em Revista; Jornalismo Digital.</p>
<p>NOME: EEI – Estudos Epistemológicos em Informação ANO: 2016 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação SITE: https://www.facebook.com/eeidci DESCRIÇÃO: Objetiva descrever e refletir a episteme da CI, o objeto, as teorias e os modelos teóricos fundamentais; Descrever e analisar as teorias-operatórias adequadas aos paradigmas; Investigar o estado da arte das práticas de informação, no cenário digital; Oferecer modelos para o debate neste cenário; publicar e socializar; Realizar intercâmbios e formar redes colaborativas.</p>
<p>NOME: Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores ANO: 2008 ÁREA: Lingüística, Letras e Artes; Letras SITE: https://neihd.wordpress.com DESCRIÇÃO: O objetivo é refletir sobre as relações entre a cultura impressa e a digital, repensar metodologias de pesquisas a partir dos tecnologias digitais e do uso de computadores nas práticas investigativas. O grupo está vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais e ao projeto de pesquisa "Edição das obras literárias inéditas de Eulálio Motta".</p>
<p>NOME: ComCorHd ANO: 2015 ÁREA: Lingüística, Letras e Artes; Lingüística SITE: não disponível DESCRIÇÃO: não disponível</p>
<p>NOME: Grupo de Pesquisa em Linguística de Corpus ANO: 2013 ÁREA: Lingüística, Letras e Artes; Lingüística SITE: memoriaconquistense.uesb.br/DovicWeb DESCRIÇÃO: A Linguística de Corpus tem sido compreendida como o trabalho que possibilita o tratamento do dado de língua em meio eletrônico. Esse campo vem suprir a necessidade de ferramentas, métodos e tecnologias que possibilitam a transformação de meros aglomerados de textos em corpora manipuláveis, versáteis e com possibilidade de recuperação automática de informações.</p>
<p>NOME: HDig - Humanidades digitais ANO: 2012 ÁREA: Engenharias; Engenharia de Produção SITE: http://ltds.com.br DESCRIÇÃO:</p>

<p>Articula e integra saberes das ciências da engenharia, das ciências da computação, das ciências sociais e das artes, buscando compreender as transformações que o emergente "mundo digital" implica para a condição humana.</p>
<p>NOME: Hímaco - História, Mapas e Computadores ANO: 2011 ÁREA: Ciências Humanas; História SITE: http://www2.unifesp.br/himaco DESCRIÇÃO: Atualmente, o grupo participa do projeto Pauliceia 2.0: uma plataforma espaço-temporal para Humanidades Digitais, que tem o objetivo de fazer um mapeamento colaborativo da história de São Paulo. A pesquisa foi recentemente selecionada pelo programa eScience, da Fapesp, e é fruto de parceria entre a UNIFESP, o Arquivo do Estado, o INPE, e a Emory University, dos Estados Unidos.</p>
<p>NOME: Humanidades Digitais ANO: 2011 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação SITE: https://humanidadesdigitais.org DESCRIÇÃO: A repercussão mais ampla esperada pelo grupo é contribuir para a formação de um corpo consistente de reflexão crítica sobre a produção e difusão do conhecimento no meio digital, da perspectiva das humanidades. Os objetivos esperados relacionam-se à exploração das novas possibilidades de criação e organização da informação articuladas pelo meio digital, mantendo em vista a possibilidade de questionar a pertinência da separação estanque entre as figuras do "produtor", do "organizador" e do "receptor" de conhecimento neste contexto.</p>
<p>NOME: Humanitas Digitalis ANO: 2016 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Comunicação SITE: não disponível DESCRIÇÃO: Aborda um campo de estudo caracterizado pela intersecção entre ciências humanas, computação e gestão da informação, promovendo a integração de avanços teóricos e metodológicos à subárea dos Estudos Culturais. Investiga como as tecnologias e as mídias são trabalhadas e experimentadas nas esferas educacionais, culturais, econômicas e políticas da sociedade.</p>
<p>NOME: Imago e humanidades digitais. ANO: 2014 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação SITE: https://www.facebook.com/imagoufpe Tem como objetivo a produção de conteúdos transmidiáticos, a organização de eventos científicos, a popularização do conhecimento científico... O foco tangencia 3 campos: Filosofia e Ética da Informação; Ciência da Informação; Coleccionismo e Memória.</p>
<p>NOME: Informação, Memória e Sociedade ANO: 2013 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação SITE: http://www.memoriaesociedade.ibict.br DESCRIÇÃO: O grupo estuda, em perspectiva ampla, as relações plurais existentes entre o processo de produção, circulação e controle da informação na sociedade contemporânea e aquele da memória em sua dimensão cultural e política. Se configuram como campos possíveis de investigação os arquivos, bibliotecas, museus e centros culturais enquanto "lugares de memória".</p>
<p>NOME: LiTPos ANO: 2013</p>

<p>ÁREA: Lingüística, Letras e Artes; Lingüística SITE: não disponível DESCRIÇÃO: Busca avaliar como o rompimento de dicotomias tais como tecnologia/sociedade, humano/não-humano, global/local, linguístico/não-linguístico afeta a produção de conhecimento tanto nas humanidades quanto nas diversas áreas da tecnociência e propor novos modos de intervenção multi e transdisciplinar nas relações entre academia e comunidades de produtores e usuários de novas tecnologias da linguagem e comunicação.</p>
<p>NOME: Literatura e mobilidades sociais e culturais ANO: 2001 ÁREA: Lingüística, Letras e Artes; Letras SITE: www.dokumente.ufpr.br DESCRIÇÃO: O Grupo deriva de atividades do PPG Letras da UFPR, hoje ligadas à linha de pesquisa "Alteridade, mobilidade e tradução", sob esforços de integração interdisciplinar. As Digital Humanities são tema de interesse central para o Grupo.</p>
<p>NOME: Núcleo de Pesquisa e Tecnologia em Produção Científica ANO: 1992 ÁREA: Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação SITE: http://www.eca.usp.br/cpt DESCRIÇÃO: Estudo sobre as estruturas e produção dos Grupos de Pesquisa e das Redes sociais, incorporando atualmente também os estudos de ontologias e suas respectivas metodologias. O tratamento dos dados, com técnicas bibliométricas e análises cienciométricas, tem sido realizado pela equipe multidisciplinar composta por pesquisadores, doutorandos, mestrandos e alunos de Iniciação Científica.</p>
<p>NOME: Onirê ANO: 2016 ÁREA: Ciências Humanas; Sociologia SITE: www.oniredigital.com.br DESCRIÇÃO: não disponível</p>
<p>NOME: TEMA DIDÁTICO ANO: 2012 ÁREA: Ciências Humanas; Educação SITE: http://temadidatico.ufsc.br DESCRIÇÃO: O grupo faz parte da Associação de Humanidades Digitais ahdig, espaço criado para ser "um fórum de reunião, debate e partilha para pessoas que fazem investigação em português ou investigação sobre os múltiplos espaços da expressão portuguesa, à escala global, e que de algum modo incorporam uma perspectiva digital no seu cotidiano científico".</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Dos 16 grupos: 05 deles são da área de Ciência da Informação; 03 da área de Linguística; 02 da área de Comunicação; 02 da área de Letras; 01 da área de Engenharia de Produção; 01 da área de História; 01 da área de Sociologia; 01 da área de Educação. Desse modo, constatou-se a CI como a área que mais pesquisa e se interessa pelo tema.

Gráfico.2 Temáticas estudadas pelos grupos no Diretório – Plataforma Lattes - CNPQ

5.3 Projetos e Práticas de Humanidades Digitais

No que se refere aos projetos e práticas observadas, Coneglian e Segundo (2017) relacionam as humanidades digitais com o projeto “Europeana”, uma biblioteca virtual de toda Europa que contém em seu acervo mais de 50 milhões de objetos culturais, de bibliotecas, de museus e de arquivos. Sendo uma das “principais iniciativas que utilizam o conceito de Humanidades Digitais, pois permite uma integração entre os objetos culturais tradicionais, com suas representações em ambientes digitais e virtuais”. (CONEGLIAN; SEGUNDO, 2017, p.98). Apresenta uma convergência importante com a Ciência da Informação por se mostrar como exemplo prático de como as Unidades de Informação e os campos da CI e a Organização do Conhecimento, podem estudar e identificar a melhor maneira e modelos de inserção dos objetos digitais culturais no ciberespaço, apontam os autores.

A Europeana surgiu da necessidade de se organizar uma grande quantidade de documentos espalhados pelas unidades de informação e cultura

de toda a Europa, conforme Coneglian e Segundo (2017), com o objetivo de oferecer em um ambiente digital o acesso a uma grande quantidade de informação em um só lugar.

O projeto possibilita disponibilizar e preservar na web o patrimônio cultural do continente europeu para as próximas gerações. “O acervo contém basicamente, obras de arte, artefatos, livros, vídeos e sons, apresentando diversas coleções e exposições, que promove um ambiente de bastante interatividade, que promove ao usuário uma ampla quantidade de opções de navegação”. (CONEGLIAN; SEGUNDO, 2017, p. 91).

O ambiente da Web, desde seu início, tem como desafio a estruturação dos dados, por já ter nascido descentralizada, como uma espécie de grande depósito de documentos dificultando a recuperação das informações, ainda segundo os autores. Como tentativa de corrigir o problema surge a Web Semântica, para que a web se organizasse e se estruturasse de maneira que os computadores pudessem compreender o contexto dos dados espalhados pela rede, como o Linked Open Data (LOD), que possibilita melhores condições de recuperação, permitindo “com que os objetos digitais estejam disponíveis também para acesso por agentes computacionais inteligentes” (CONEGLIAN; SEGUNDO, 2017, p. 98).

Utilizando o LOD, a Europeia faz uso de diversos vocabulários que conseguem expressar ligações existentes entre autores, obras, direitos autorais, e outras informações contidas em um objeto cultural. É um meio de organizar os conhecimentos vinculados a objetos digitais na área cultural. “As características apresentadas pelo modelo [...] se mostram aderentes aos conceitos da disciplina de organização do conhecimento. [...] Estruturou-se as informações baseadas nos conceitos de bibliotecas, arquivos e museus (CONEGLIAN; SEGUNDO, 2017, p.98) Os autores concluem que o projeto Europeia é um modelo de referência na representação das humanidades digitais. “Representa um ciclo completo de uso de conceitos e aplicações práticas que tem como resultado um produto para uso da sociedade civil” (CONEGLIAN; SEGUNDO, 2017, p. 98).

Relevantemente, Abreu aborda as Humanidades Digitais sob a ótica da interdisciplinaridade, usando como exemplo prático o projeto “Vitruviana Luso-Brasiliensis: O livro antigo e a gravura de Arquitetura nas principais Unidades de Informação Portuguesas e Bahianas” formado pelo trio de disciplinas: História da

Arquitetura, Ciência da Informação e Humanidades Digitais, em que as HD funcionam como uma terceira área do conhecimento, servindo de conector no diálogo entre as duas outras disciplinas por possibilitarem a colheita de dados, gestão análise e visualização da informação.

Segundo Abreu (2017), a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas ainda encontra argumento no campo da História, pois a História corresponde a uma das percepções interdisciplinares da CI, destacando os estudos sobre a Memória, em que os “lugares de memória” (livros e arquiteturas) são objetos de atenção da Ciência da Informação. Articulando as áreas da História da Arquitetura e a Ciência da Informação por meio da terceira área das Humanidades Digitais, parece favorecer a interdisciplinaridade a dois níveis distintos: ao nível supradisciplinar, pois estimula o trabalho aberto e colaborativo entre as outras disciplinas; ao nível interdisciplinar, pela criação de ferramentas digitais “que permitem articular facilmente discursos verbais e não-verbais, [...] assim atenuando certos atritos epistemológicos entre a História da (Arquitetura) e a Ciência da Informação” (ABREU, 2017, p. 59).

Para que interdisciplinaridade aconteça genuinamente, as disciplinas devem colocar as suas próprias reflexões relativas ao objeto de estudo que cada uma pretende se debruçar. Provavelmente “algumas destas questões coincidam entre disciplinas, totalmente ou em aspetos parciais, por força da sua complexidade. Só esta complexidade partilhada justifica, de resto, o esforço da interdisciplinaridade” (ABREU, 2017, p 55). A diversidade e a experimentação constituem exigências óbvias para que aconteça a interdisciplinaridade. As humanidades Digitais tem o lado integrador, facilitador e potencializador da abordagem interdisciplinar. São consideradas abordagens práticas, do tipo mão-na-massa (hands on) às questões das Ciências Sociais e Humanas, ainda conforme o autor.

Tal como a Ciência da Informação, a Arquitetura também depende nos dias de hoje dos meios digitais para criar, armazenar e gerenciar informação. Porém para a Arquitetura, as ferramentas digitais são particularmente úteis para criar e comunicar informação do foro da visualidade. Enquanto “a Ciência da Informação produz conhecimento que é usualmente traduzido em linguagem verbal” (ABREU, 2017, p. 52). O projeto interdisciplinar “Vitruviana Luso-Brasiliensis” pretende realizar um levantamento do patrimônio bibliográfico e

iconográfico envolvidos, feito com base nos rigorosos e atuais critérios em Ciência da Informação, ainda segundo o autor. Estima-se a criação de uma base de dados que funcione como fonte abundante de informação, quer sob a forma de dados escritos, quer sob a forma de imagens, em que no futuro seja possível disponibilizar o referido conteúdo a um grande público em plataforma digital de acesso aberto. As ferramentas proporcionadas pelas Humanidades Digitais de interesse do projeto, que permitirão articular entre si os diferentes objetos de pesquisa da História da Arquitetura e da Ciência da Informação, são o *georeferencing* (visualização espacial de dados Históricos) e a *data analysis* (análise de redes). (ABREU, 2017).

Por fim, estudos como esse interessam à Ciência da Informação, pois permitem pesquisar a função social ao longo do tempo “no âmbito do estudo das dimensão sociológica, política e econômica das atividades informacionais. (ABREU, 2017, p. 58). O caminho da multidisciplinaridade foi descartado para que o projeto não se resumisse a uma soma inorgânica de contributos disciplinares, já que assim seria mantida a autonomia disciplinar por parte das disciplinas História da Arquitetura e Ciência da informação, cada qual observando os fenômenos segundo os pontos de vista aos quais estão habituados. Para que isso fosse evitado, afim de sair da zona de conforto, foi necessário recursos externos encontrados nas Humanidades Digitais. Conclui também que a resposta a reflexão sobre a problemática das Humanidades Digitais poderá ser encontrada mais de algumas características específicas, identificadas na observação das suas práticas, do que “de alguma teorização que tem sido desenvolvida em torno das Humanidades Digitais enquanto (discutível) novo campo disciplinar” (ABREU, 2017, p. 46).

Nos debates sobre Humanidades Digital no Brasil, o Congresso Internacional em Humanidades HDrio realizado em Abril de 2018, contou com oito eixos temáticos em pauta: - Pensamentos Contemporâneos e Mundo Digital - Tecnologia, Cultura, Política e Sociedade - Acervos Digitais e Memória Social - Representação do Conhecimento, Semântica e Dados Abertos - Grandes Acervos de Dados Textuais nas Humanidades Digitais - Artes e Expressões Digitais - Visualização, Sonificação e Análise de Redes - Humanidades Digitais e Realidade Brasileira. O evento representa um ambiente apropriado para acadêmicos, cientistas e tecnólogos das Artes, da Cultura e das Ciências

Sociais, Humanas, Exatas e Computacionais, debaterem e divulgarem pesquisas sobre a influência das tecnologias de informação, das redes de comunicação e da digitalização de acervos e processos no cotidiano das pessoas e suas repercussões nas instituições e sociedades do mundo, e, principalmente, no contexto brasileiro. (CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS HDrio, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do conceito polissêmico, ainda muito debatido e reformulado pelos seus estudiosos, ser um dos maiores desafios para o seu campo, a Ciência da Informação já está discutindo a sua relação com as Humanidades Digitais. As práticas em humanidades digitais se mostraram constantemente ligadas a acervos digitais de documentos históricos, obras de arte e da literatura, e outros. Assim como a arquivos, bibliotecas, museus e demais unidades de informação. É notável que várias das práticas de humanidades digitais estão ligadas a atividades digitais já praticadas na Ciência da Informação.

Tanto a Ciência da Informação quanto as Humanidades Digitais mostraram dividir a mesma preocupação a respeito do seu esforço em fazer e apoiar um excelente trabalho em infra-estrutura de informação e pesquisas históricas, mas fazem isso de forma distintas. A CI parece se organizar com o seu foco nos componentes centrais da cadeia da informação, enquanto as HD focam em componentes finais. Os exemplos mostrados de interesse compartilhado por ambas as disciplinas foram inúmeros e diversos, reforçando os indícios de que as Humanidades Digitais e a Ciência da Informação são complementares, indicando assim um modelo viável para uma espécie de multidisciplinidade HD/CI integrada. Porém, não se espera ou se aconselha que as duas disciplinas se tornem uma só, ou que haveria uma forma consistente de integração parcial em todos os casos de sobreposições existentes entre elas.

Observou-se que, sob a perspectiva brasileira, a produção acadêmica sobre o assunto das Humanidades Digitais se dá em grande parte ao debate sobre a Multi-Inter-Transdisciplinaridade e na aplicação de algumas práticas através de projetos. Alguns autores abordam as Humanidades Digitais como uma transdisciplina, enquanto outros como uma interdisciplina, proporcionalmente. Quanto aos projetos expostos, encontraram nas Unidades de Informação e metodologias da Ciência da Informação o suporte e ferramentas necessárias para realizá-los. No que se diz respeito as bibliotecas, vários autores estrangeiros indagam se a biblioteca é capaz de proporcionar um espaço adequado para as atividades praticadas nos projetos de Humanidades Digitais, outros sugeriram que as bibliotecas podem ser mais úteis para impulsionar novos

projetos de HD e garantir sua sustentabilidade a longo prazo. Previam que futuramente a relação entre CI e HD será caracterizada pela divisão do trabalho no ciclo de vida da geração de conhecimento e pela utilização e a reutilização da informação para a criação de novo conhecimento, respectivamente, mais do que pelas interfaces para disseminar a informação.

Buscou-se alinhar o campo da memória e o paradigma da pós custódia com as humanidades digitais. Passando pela explosão informacional, memória virtual, a mudança do documento para informação e outras questões relevantes. Mostraram-se muito importantes para o entendimento das conexões, desde a origem das HD ao seu futuro junto a CI. Nesse sentido, esse trabalho não se deteve em responder o que de fato são as Humanidades Digitais, mas sua relevância para o campo da CI como algo promissor e frutífero para a área, porém, é necessário se aprofundar neste assunto desafiador que, apesar de recente e ter o seu debate ainda pouco expressivo no âmbito acadêmico, em especial o brasileiro, prevê grandes benefícios para ambos os campos.

Para estudos futuros essa pesquisa sugere investigações: a) na divisão do trabalho no ciclo de vida da geração de conhecimento e utilização e a reutilização da informação para a criação de novo conhecimento. b) nas abordagens práticas, quanto às questões das Ciências Sociais e Humanas, e a reflexão sobre a problemática das Humanidades Digitais, ser encontrada mais no âmbito das suas práticas, do que de alguma teorização que tem sido desenvolvida em torno dela. c) sobre Humanidades Digitais no Brasil, projetos relacionados a área da CI como as práticas de curadoria digital, geo-referenciamento, design informacional, análise de redes, Linked Open Data e outras inúmeras atividades mencionadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABREU, S. M. Desafios da mit num projecto em humanidades digitais: livros e arquitectura em portugal e na bahia, no cruzamento da história com a ciência da informação. **Ponto de Acesso**: Salvador, v.11, n.1, p. 41-60, 2017 | SUPLEMENTO XVII ENANCIB

ALMEIDA, M. A. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação e Informação**: Londrina, v.19, n.2, p. 191-241, 2014.

ALVARADO, R. The Digital Humanities Situation: The Transducer. in: KLEIN, L.; GOLD, M. (ed.). **Debates in the Digital Humanities**, University of Minnesota Press: Minneapolis, 2012. Disponível em: < <https://vt.instructure.com/courses/20496/files/811163> >. Acesso em: 05 jan. 2018.

ARAÚJO, W.S.; LOUREIRO, J.M.M; FREIRE, G.H.A. Bibliotecas, usuários e tecnologias info-comunicacionais: perspectivas e transformações. **RICI**: Brasília, v. 7, n. 2, p. 65-77, 2014.

AZEVEDO NETTO, C. X. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**: Campinas, v. 37, n. 3, p. 7-17, 2008.

BARRETO, A. A. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramZero**, v.1, n.3, p. 1-12, 2000.

BICALHO, L.M.; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v.16, n.32, p.1-26, 2011.

BLANCO, L. E. Curaduria de contenidos: el exceso de informacion es un mal curable. **Debates Iesa**, v. 19, n. 2, 2014.

BRAGA, G. M.. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.

BRANCO, M. Software Livre e Desenvolvimento Social e Económico. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, Gustavo (Org.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Imprensa Nacional: Belém, 2005. p. 227-235.

BURGHARDT, M.; KATTENBECK, M. Introduction to the Workshop: Information Science and the Digital Humanities. in: BURGHARDT, M.; KATTENBECK, M.; PETRAS, V. (eds.). **Information Science and the Digital Humanities**. ISI 2017 Satellite Workshop on the Relationship of Information Science and the Digital Humanities. Berlim, 2017. p. 2-3. Disponível em:

<<https://dhregensburg.files.wordpress.com/2017/03/workshopbeitraege-is-dh1.pdf>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

CAPOBIANCO, L. A Revolução em Curso: Internet, Sociedade da Informação e Cibercultura. **Estudos em Comunicação** Universidade de São Paulo: São Paulo, v. 2, n. 7, p. 175-193, 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/capobianco.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura** - Volume I. Fundação Calouste: Lisboa, 2002.

CASTILHO, C. A. V. **O Papel da Curadoria na Promoção do Fluxo de Notícias em Espaços Informativos Voltados para a Produção e Conhecimento**. 2015. 155f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CONEGLIAN, C. S.; SEGUNDO, J. E. S. Europeana no linked open data: conceitos de web semântica na dimensão aplicada das Humanidades Digitais. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**: lugar, v. 22, n. 48, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/22274>>. Acesso em: 2 Nov 2017.

CORREA E. S.; BERTOCCHI, D. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria. **Matrizes**: São Paulo, ano 5, n. 2, p. 123-144, 2012. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/340/pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

DODEBEI, V.; DOYLE, A. Memória do corpo e ciberespaço em diálogo. **Liinc em Revista**: Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 77-90, 2015.

DODEBEI, V.; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero**, v.9, n.5, p. 1-11, 2008.

GALINDO, M. Tragédia da Memória. **Massangana**: Recife, v. 2, n.1, p. 57-62, 2005.

GALINDO, M.; MIRANDA, M. O.; ROCHA, V. B. A. Memórias e sistemas memoriais. **XII ENANCIB**: Brasília, GT 10: Informação e Memória, 2011.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, V.; FARIAS, F. R.; GONDAR, J. (Org.). **Por que memória social?**. Revista Morpheus - estudos interdisciplinares em Memória Social: Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.

GOUVEIA JR, M.; GALINDO, M. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **Transinformação**: Campinas, v. 24, n. 3, p. 207-217, 2012.

GUERREIRO, D. M.; CALIXTO, J. A.; BORBINHA, J. Bibliotecas Digitais para as Humanidades: novos desafios e oportunidades. **Actas Do Congresso**

Nacional de Bibliotecários, Arquivistas E Documentalistas, 2012.

Disponível em:

<<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/354/pdf>>.

Acesso em: 10 jan. 2018.

CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS HDRio.

Chamada de Trabalhos. Laboratório de Humanidades Digitais (LHuD) da Escola de Ciências Sociais/CPDOC e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. 2017. Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/HDRio2018Convite.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E

TECNOLÓGICO CNPq. Grupos de pesquisa: **sobre a plataforma**. Disponível em: <<http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma>>. Acesso em 9 Mai 2018.

KLEIN, L.; GOLD, M. Digital Humanities: The Expanded Field. In: KLEIN, L.; GOLD, M. (Eds.). **Debates in the Digital Humanities**. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2016. Disponível em:

<<http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/part/8>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

MULLER, L. Towards Information Science Service. in: BURGHARDT, M.; KATTENBECK, M.; PETRAS, V. (eds). **Information Science and the Digital Humanities**. ISI 2017 Satellite Workshop on the Relationship of Information Science and the Digital Humanities: Berlim, 2017. p. 12-13. Disponível em: <<https://dhregensburg.files.wordpress.com/2017/03/workshopbeitraege-is-dh1.pdf>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, UNICAMP: São Paulo, 1994.

LE MOS, J. G.; JORENTE, M. J. V.; NAKANO, N. O paradigma pós custodial e sua representação no design da informação no sítio do arquivo nacional do Reino Unido. **Liinc em Revista**: Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 674-690, 2014.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora. 34: São Paulo, 1999.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ci. Inf., Brasília**, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MIRANDA, M. K. F. O. **O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da intencionalidade para *findability***. (Doudorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2010.

MIRANDA, M. F. O. O Paradigma Emergente da Ciência da Informação: O objecto, o profissional e o campo de atuação. **PRISMA**: Portugal, n. 8, p. 3-18, 2009.

MONTEIRO, S.; CARELLI A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf.:** Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, 2006.

NOIRET, S. história publica digital. **Liinc em Revista:** Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, 2015

OLIVEIRA, M. **Ciência da Informação e Biblioteconomia:** novos conteúdos e espaço de atuação. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura.** 8 ed. [S.l.]: Brasiliense: São Paulo, 1992.

PIMENTA, R. M. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das Humanidades Digitais: um caso para a ciência da informação. **Revista Conhecimento em Ação:** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/23535>>. Acesso em: 20 set 2017.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Ideação:** lugar, v. 10, n. 1. p.9-40. 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>>. Acesso em: 10 Dez 2017.

PORTAL DO BIBLIOTECARIO. **Base de dados com artigos de periódicos em Ciência da Informação,** 2017. Disponível em: <<http://portaldobibliotecario.com/base-de-dados/artigos-de-periodicos-em-ciencia-da-informacao-brapci/>>. Acesso em: 10 Mai 2018.

PRESNER, T. **Digital Humanities 2.0: A Report on Knowledge,** 2010. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.469.1435&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 5 Dez 2017.

RIBEIRO, F. Da mediação passiva à mediação Pós-Custodial: O papel da ciência da informação na sociedade em rede. **Inf. & Soc.:Est.:** João Pessoa, v.20, n.1, p. 63-70, 2010.

RIBEIRO, F. Gestão da informação: Preservação da memória na era pós custodial: um equilíbrio precário?. In: OLIVEIRA JORGE, V. (Coord.). **Conservar para que.** Mesa-redonda de primavera. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 77-84. Disponível em:<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8861.PDF>> Acesso em: 10 Jan 2018.

ROBINSON, L.; PRIEGO, E.; BAWDEN, D. **Library and information science and digital humanities: two disciplines, joint future?.** 14th International Symposium on Information Science. Zadar: Croatia, p. 44-54, 2015.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación.** McGraw-Hill: México, 1991.

SANTOS, V. S.; GALINDO, M.; SOARES, S. V. Informação e Memória Arquivística: O Custodialismo e Outras Discussões Pragmáticas. **XVI ENANCIB**: João Pessoa. GT N^o 10 – Informação e Memória, 2015.

SCHNAPP, J.; PRESNER, T. **Digital Humanities Manifesto 2.0**. 2009. Disponível em: <http://www.humanitiesblast.com/manifesto/Manifesto_V2.pdf>. Acesso em: 5 Dez 2017.

SILVA, A. M. Arquitetura da Informação e Ciência da Informação. Notas de (re)leitura à luz do paradigma pós-custodial, informacional e científico. **PRISMA**: Portugal, n. 32, p. 62-104, 2016.

SILVA, L. O. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. in: LEMOS, A.; PALACIO, M. (Org.). **Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2001

SIMÕES, I. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Revista Eletrônica Temática**. Ano V, n. 5, p. 1-11, 2009.

SOARES, A. P. A.; PINTO, A. L.; SILVA, A. M. O Paradigma Pós-Custodial na Arquivística. **PÁGINAS a&b**: Portugal. S.3, 4, p.22-39, 2015.

SULA, C. A. **Digital Humanities and Libraries: A Conceptual Model**. Disponível em: <<http://chrisalensula.org/digital-humanities-and-libraries-a-conceptual-model/>>. Acesso em: 2 Nov 2017.

SVENSSON, P. The Landscape of Digital Humanities. DHQ: Digital Humanities Quarterly. **HUMLab, Umeå University**. v. 4, n. 1, p. 1-33, 2010.

THATCAMP. **Manifesto das digital humanities**. DACOS, M. (trad.). Paris: ThatCamp, 2010. Disponível em: <<http://tcp.hypotheses.org/497>>. Acesso em: 2 Nov 2017. (pagina de internet)

VANHOUTTE, E. The Gates of Hell: History and Definition of Digital | Humanities | Computing. In: TERRAS, M.; NYHAN, J.; VANHHOUTTE, E. (eds.). **Defining Digital Humanities. A Reader**. Farnham: Ashgate, 2013. 125–127.